

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DENISE MARIA KUCZKOWSKI

**AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR DE
CRIANÇAS**

ERECHIM

2022

DENISE MARIA KUCZKOWSKI

**AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR DE
CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Lidiane Limana Puiati Pagliarin.

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kuczkowski, Denise Maria
AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR
DE CRIANÇAS / Denise Maria Kuczkowski. -- 2022.
58 f.

Orientadora: Lidiane Limana Puiati Pagliarin.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2022.

I. Pagliarin., Lidiane Limana Puiati, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DENISE MARIA KUCZKOWSKI

**AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR DE
CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

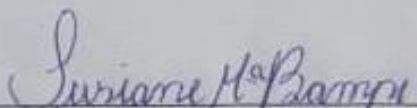
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 23/08/2022.

BANCA EXAMINADORA:



Prof^ª Lidiane Limana Puiati Pagliarin.

Orientadora



Prof^ª Susiane Maria Bampi

Avaliadora



Prof^ª Elise de Moraes

Avaliadora

Dedico este trabalho especialmente aos meus familiares, que sempre estiveram presentes me incentivando e apoiando para que eu não desistisse e persistisse na conclusão dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me dado forças e saúde para persistir, mesmo nos momentos em que o cansaço tomava conta de mim. Gratidão imensa, aos meus pais Nelson e Domicília por terem me dado a vida e por serem meu porto seguro, apoio e incentivo diário nessa trajetória. Aos meus amigos pelas trocas de experiências, pelo companheirismo e amizade construída durante este percurso. Ao meu companheiro de vida Rafael, por concertar meu notebook quando estragou em meio a escrita de meu TCC e trabalhos acadêmicos também, por todo seu carinho e compreensão nos momentos em que precisava me ausentar para concluir os trabalhos. A minha orientadora Prof^a Lidiane Limana Puiati Pagliarin, por aceitar me orientar, pela paciência, dedicação e por toda partilha de conhecimentos concedida a mim. A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, pois sem eles esse sonho não seria possível. A Prof^a Susiane Maria Bampi e Prof^a Elise de Moraes por terem aceitado meu convite para banca e também, por todo auxílio e disposição concedida a mim durante a graduação nos momentos em que mais precisei. A todos, minha imensa gratidão!

Por aprendizagem significativa entendo aquela que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência (Rogers, 1997, p. 323)

RESUMO

O presente trabalho consiste na análise das relações que há entre a afetividade e a aprendizagem escolar de crianças. Diante desse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo geral investigar as relações entre afetividade e aprendizagem estabelecidas em pesquisas acadêmicas. E, com isso, analisar como a afetividade interfere na aprendizagem escolar de crianças. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo. Percebe-se que a afetividade é abordada pelos estudiosos, porém, no espaço escolar, pouco tem-se pensado, questionado e adequado momentos para refletir sobre o cuidado do afeto e sua influência diária na vida educacional, pessoal e social das crianças. Por isso, conclui-se, que a afetividade no contexto escolar está associada à cognição das crianças e que é importante considerar a aprendizagem a partir dos diferentes estágios de desenvolvimento. A investigação ressaltou a importância do papel docente em proporcionar um ambiente mais acolhedor ao afeto, levando em conta o reconhecimento das emoções, sentimentos e o autocuidado no contexto escolar.

Palavras-chave: Afetividade; Desenvolvimento e Aprendizagem; Emoções e sentimentos;

RESUMEN

El presente trabajo consiste en el análisis de las relaciones entre la afectividad y el aprendizaje escolar de los niños. Ante este contexto, la presente investigación tiene como objetivo general investigar las relaciones entre afectividad y aprendizaje establecidas en la investigación académica. Y, con ello, analizar cómo la afectividad interfiere en el aprendizaje escolar de los niños. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica y cualitativa. Se advierte que la afectividad es abordada por los estudiosos, sin embargo, en el espacio escolar, poco se ha pensado, cuestionado y momentos propicios para reflexionar sobre el cuidado del afecto y su influencia cotidiana en la vida educativa, personal y social de los niños. Por lo tanto, se concluye que la afectividad en el contexto escolar está asociada a la cognición de los niños y que es importante considerar el aprendizaje desde diferentes etapas de desarrollo. La investigación destacó la importancia del rol docente en la provisión de un ambiente más acogedor para el afecto, teniendo en cuenta el reconocimiento de las emociones, los sentimientos y el autocuidado en el contexto escolar.

Palabras llave: Afectividad; Desarrollo y Aprendizaje; Emociones y sentimientos;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA E EDUCATIVA: UM OLHAR A PARTIR DOS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA, PROPOSTOS POR WALLON.....	18
2.AFETIVIDADE, EMOÇÕES, SENTIMENTOS: SUAS INFLUÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE AUTOCUIDADO NA APRENDIZAGEM.....	31
3.A AFETIVIDADE E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

A escolha dessa temática do presente Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se pelo fato de eu gostar além da pedagogia, da área da psicologia. Estudar e refletir as emoções que estão impregnadas na afetividade mostrou-se interessante no momento em que tive a oportunidade de realizar estágios remunerado e obrigatório. Esse interesse parte, também, do estudo das aulas na disciplina de psicologia da educação durante a graduação. Nessas experiências, pude perceber o significado do elo afetivo entre o docente e as crianças no momento da aprendizagem. Compreendendo assim, a rotina da escola durante o estágio, pude evidenciar momentos em que as relações afetivas se faziam presentes e que a falta da mesma causava impactos diferentes na aprendizagem das crianças.

Primeiramente, trago um recorte do cenário atípico de pandemia do Covid-19, doença que assolou o mundo inteiro, afinal, foi um marco histórico, em que causou mudanças na vida e na rotina das pessoas, inclusive na educação escolar - todas as escolas tiveram que realizar aulas remotas por um longo período. Uma das questões que é importante se adentrar, durante esse período, na aprendizagem foi a afetividade no contexto escolar que até então é secundarizada. Essa ficou mais restrita pois, em decorrência da suspensão das aulas presenciais, as crianças e demais profissionais da educação mantiveram-se isolados para evitar a propagação da doença.

Dessa forma, a distância entre as crianças e o ambiente escolar na pandemia acabou dificultando as relações afetivas e o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem. De acordo com Ribeiro; Jutras; Louis (2005), a afetividade é essencial na aprendizagem pois, auxilia na proximidade entre o professor-aluno, estabelecendo uma relação de segurança e entendimento das dificuldades e sentimentos dos estudantes, o que favorece uma aprendizagem mais significativa.

Ainda durante a pandemia e o ensino remoto emergencial, as crianças viram-se presas em uma rotina diferente, em que a maior parte do tempo passaram isoladas dentro de suas casas com seus pais, familiares próximos e por vezes babás. Porém, neste momento, é preciso destacar que também, originou-se uma relação afetiva mais próxima com os familiares que puderam ficar juntos, outros estudantes por vezes não obtiveram essa oportunidade devido ao trabalho dos pais.

Os pais que ficaram mais tempo com os filhos puderam perceber a importância da afetividade criada no espaço familiar, mas também a que se encontrava no contexto escolar, em virtude de que muitas crianças relataram a falta dos professores, da rotina e principalmente dos colegas. A falta dessas relações que faziam parte do meio escolar das crianças também causou mudanças nas emoções e outros aspectos ligados à afetividade, que serão detalhados adiante.

Como as crianças não puderam sair de suas casas e muito menos ir para a escola como mencionado anteriormente, a partilha dos sentimentos e o contato com outras crianças e pessoas adultas que os estudantes estavam habituados ficou prejudicada. Dificultou também a relação afetiva diária enaltecida no contexto escolar, em que é essencial para o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem, da vida pessoal e social das crianças.

Ainda, há de se frisar, que a falta do espaço escolar teve consequências repentinas nas mudanças de comportamento e nas emoções de algumas crianças, que começaram a ficar impacientes e chorosa, bem como, demonstrando dessa forma aos pais que a rotina longe da escola acarretou a falta dos laços afetivos. Por vezes, mudanças de condutas das crianças não faziam-se compreensíveis aos adultos, rotulando como uma maneira de chamar atenção. Nesse viés, de Wallon, Alfandéry (2010), pontua que as emoções são formadas pelas diferentes situações, nisso as atitudes e reações dependem das circunstâncias que são vivenciadas com a realidade do momento.

Sendo assim, essas diferenças nas condutas e emoções repentinas decorrem de um fator determinante, o presente cenário atípico de pandemia a qual, a criança busca ser compreendida e acolhida com afeto, demonstrando o que lhe aflige através das mudanças de atitudes. Por isso, de acordo com Bezerra (2006), tendo em vista os estudos de Wallon, garante que é importante analisar as situações, procurando entender a razão e atitudes pela qual ocorre, tendo em vista que é uma maneira de redução da causa do impacto emocional.

Nessa estabilidade emocional, embora os pais não substituam as crianças, as quais seus filhos relacionam-se, a proximidade afetiva na família faz-se essencial, pois, de acordo Alfandéry (2010), com base em Wallon, a afetividade inicia no ambiente familiar, a partir da relação afetiva formada na família que a criança compreende e constitui a afetividade em outros ambientes da sociedade. Sendo assim, faz-se necessário a reflexão tanto por parte dos pais quanto dos professores

com o retorno das crianças para escola, afim de compreender as mudanças comportamentais e afetivas que difundiram-se nesse período atípico de incertezas.

Assim como os pais possuem uma responsabilidade ímpar, os docentes também, antes de mais nada, precisam ter a percepção das mudanças da criança em sala de aula, para compreender até onde influencia e dificulta a aprendizagem. Visto que, de acordo com Mahoney e Almeida et al. (1995), o comportamento de uma criança influencia no restante da classe interferindo na aula do professor, por isso, o docente como um sujeito orientado deve auxiliar no controle das emoções e sentimentos.

O acolhimento afetivo deve ser considerado como uma das principais premissas a ser pensada e abordada nas escolas, bem como a situação comportamental das crianças que se investigada pode estar associada com a falta de afetividade, que de maneira negativa ou positiva interfere tanto na aprendizagem como nos sentimentos expressos pelas mesmas. Nas palavras de Bezerra (2006), a partir de Wallon quando a criança encontra-se bem afetivamente e segura de si, eleva sua autoestima fazendo com que consiga assimilar e aprender mais rápido.

Em razão de que a relação de afetividade começa no contexto familiar como ressaltado anteriormente, a proximidade e auxílio dos pais não somente durante a pandemia, mas quando possível colabora para que a criança sinta-se mais acolhida afetivamente e mais estável emocionalmente. Pois, a afetividade impacta não somente na aprendizagem, mas na formação e desenvolvimento humano.

Outro fato ligado ao contexto escolar refere-se à falta de proximidade da criança com o docente na pandemia do Covid-19 a qual, pode ter ocasionado dificuldades na aprendizagem. Visto que, no presencial era possível o acompanhamento diário das crianças, compreendendo os sentimentos, dificuldades, necessidades e particularidades de cada criança durante as experiências que eram compartilhadas.

No ensino remoto, esse acompanhamento ficou mais difícil de ser realizado, devido à distância física que precisava ser mantida. Nesse sentido, de acordo com Alfandéry (2010), com base em Wallon o reconhecimento do professor em relação às expressividades dos alunos, torna-se essencial, pois permite um olhar para o que vem surtindo de efeito no desenvolvimento da aprendizagem, para que possa alcançar uma melhor compreensão de estratégias que condizem com as necessidades e aspectos emocionais de cada criança.

Com a volta do ensino presencial, foi possível novamente a proximidade do docente com a criança que fazia-se ausente na pandemia, mesmo com todos

cuidados que precisaram ser mantidos, o acompanhamento das aprendizagens e das preferências das crianças tornou-se mais acessível ao docente. De início, um pouco mais trabalhoso pois, nesse período que as crianças estiveram distantes da escola, constituíram outras vivências, experiências e relações afetivas que tiveram que ser aos poucos consideradas e reconhecidas pelos docentes, a fim de dar continuidade às aprendizagens e ao que foi constituído nesse período.

Em um contexto em que cada vez mais o foco está no processo de ensino e de aprendizagem, é essencial refletir a relação da afetividade nesse desenvolvimento, pois percebe-se que toda demonstração de afeto que se faz presente no contexto escolar e até, mesmo no familiar, interfere de alguma maneira no aprendizado deixando marcas positivas ou negativas.

Refletir sobre a afetividade faz-se importante para criança que está em fase de desenvolvimento e formação da personalidade. A partir de Wallon, Alfandéry (2010), pontua que para a formação da personalidade, etapa que corresponde a Educação Infantil rumando para os Anos Iniciais, é necessário que a criança tenha oportunidade de experienciar em todos os sentidos, interiormente e exteriormente. Agregando conhecimentos, aprendizagens e também, constituindo vínculos com as pessoas a sua volta, assim consegue constituir o seu “eu” e evoluir as suas etapas de desenvolvimento humano. Ainda, de acordo com o mesmo autor, a afetividade vai se modificando conforme o que a criança vem vivenciando ao longo de sua vida, ou seja, é processo que depende do meio que o sujeito está inserido e das pessoas que fazem parte desse espaço.

Desse modo, observa-se que esses aspectos de afetividade originam-se diariamente na prática pedagógica, na maneira como o docente conduz determinada aprendizagem e no tratamento da criança, na observação e auxílio das dificuldades, procurando acolher as necessidades da criança, sem rotular antes de conhecer seu potencial. Alfandéry (2010), a partir dos estudos de Wallon, afirma que praticar a docência não é ter controle das demonstrações das crianças em sala de aula, mas ir em busca de significado por trás da dimensão afetiva para usufruir melhor da aprendizagem. Ou seja, o olhar do docente precisa ser sensível ao que está envolvido nas demonstrações afetivas; é preciso ver além do que imagina-se.

É essencial que o professor esteja em constante reflexão, a respeito do que está por trás das dificuldades das crianças em determinada aprendizagem, buscando estar em constante observação e transformação de sua prática pedagógica, quando

julgar necessário. Atentando-se ao que as crianças mostram diariamente, uma vez que a determinada prática exercida não está surtindo efeito ou vem causando alguma insatisfação, faz-se necessário buscar compreender os reais motivos e pensar de outra maneira que traga melhores resultados para a criança.

Para isso, é preciso levar em conta a percepção da criança frente ao diálogo e escuta atenta na comunicação com o docente e colegas, em que observa-se a facilidade de expressão ou algo vem retraindo e privando em determinada atitude ou aprendizagem. O que está por trás das manifestações das crianças? São essas e outras questões que nos conduzem a perceber, que a relação afetiva ou até mesmo a falta dela, pode estar entrelaçada na dificuldade de aprendizagem que a criança vem apresentando e que por vezes, passa despercebida pelo docente.

Outro fator ligado à afetividade é nas situações de conflitos, em que o docente percebe a necessidade de intervir, podendo procurar escutar ambas as partes sem julgamentos prévios. Porém, este momento de resolução de conflitos ainda, segundo Alfandéry (2010), a partir de Wallon, afirma que é necessário para o crescimento e desenvolvimento das atitudes da criança. Então, o professor presta o devido auxílio mas, isso não quer dizer que deve resolver os conflitos pelas crianças. Dessa forma, o afeto também está em conceber autonomia para criança aprender desde cedo a tomar suas próprias decisões e resoluções nesses momentos.

Outro apontamento importante no ambiente escolar é na maneira como são aceitas e concebidas as demonstrações de afeto e vínculos que estão constituindo-se nesse contexto. Um fato disso, é quando a criança passa por dificuldades no contexto familiar ou escolar e procura no docente um refúgio, em que o afeto muitas das vezes torna-se um suporte para criança desabafar e encarar de outra maneira o que lhe perturba, ou ainda, no contrário a falta de consideração do docente pelas demonstrações afetivas. Em vista, disto Alfandéry (2010), com base na teoria de Wallon nos esclarece, que o docente deve atentar-se nas relações que são estabelecidas nos grupos de crianças e nas suas próprias demonstrações afetivas que recaíram nas atitudes diárias tomadas pelas mesmas.

Afinal, nas impressões de Bezerra (2006), é necessário a percepção da proporção na afetividade da criança e basear-se nisso para a construção de aprendizagem que agregue significado para a vida da criança. Diante do exposto, defendo que a afetividade construída no contexto escolar, reafirma e acalenta a vontade e o gosto da criança pela aprendizagem e cada vez mais pela busca de novos conhecimentos.

Em uma troca mútua, ambos compartilham seus saberes e as crianças são acolhidas e conduzidas não somente à construção afetiva que desenvolve a aprendizagem mas, enquanto sujeito com um olhar mais sensível ao próximo, criando vínculos de demonstrações e relações afetivas. Ainda, segundo Bezerra (2006), a escola precisa ofertar para a criança uma formação que contemple essas necessidades intelectuais, afetivas e sociais, pois, a partir do reconhecimento e valorização das particularidades afetivas de cada um, é que se tem uma formação que realmente se atenta na criança como sujeito ético e participante da sociedade.

Por isso, diante dessas observações, busco nesta pesquisa enquanto acadêmica e futura pedagoga aproximar essas reflexões e discussões com pesquisas acadêmicas provenientes da área de estudo escolhida, a respeito da afetividade/aprendizagem na qual, julgo pertinente e relevante que se intensifique cada vez mais na sociedade. Vejo que atualmente, pouco se tem pensado e valorizado os aspectos afetivos, que são responsáveis pela formação de um sujeito mais ético nas suas condutas, bem como, nas relações sociais e primordialmente na constituição de uma boa convivência entre o docente e a criança que certamente refletirá positivamente na aprendizagem, pois um aluno que tem seus sentimentos e particularidades acolhidas tem mais gosto em aprender com o reconhecimento e o respeito docente dentro dos seus limites.

Penso que ser profissional da educação exige além do fazer pedagógico, o olhar para o ser humano: que tipo de sujeito quero formar para a sociedade? Sucedendo-se desse pensamento que me leva a acreditar em uma educação baseada no cuidado das relações afetivas, consigo e com o outro, moldando sujeitos melhores no contexto social.

Diante dessas reflexões, o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso centra-se nas relações entre afetividade e aprendizagem escolar de crianças. O **problema** de pesquisa que orienta nossa investigação é: como a produção acadêmica da área educacional têm discutido a relação entre afetividade e aprendizagem escolar de crianças?

A partir do problema, propomos, como **objetivo geral**, investigar as relações entre afetividade e aprendizagem estabelecidas em produções acadêmicas da área educacional. Desse objetivo, elencamos os objetivos específicos: a) Pesquisar as produções acadêmicas que tratam da relação entre afetividade e aprendizagem escolar; b) Analisar como a afetividade interfere na aprendizagem escolar de

crianças; c) Refletir sobre o papel do professor da educação básica no sentido de considerar a afetividade nos processos de ensino e aprendizagem.

Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Foram utilizados diferentes fontes: em destaque com maior quantidade livros, em menor quantidade, devido a dificuldade de se achar pesquisas com a abordagem em específico nessa temática, artigo, monografia e dissertação, sendo assim foram escolhidos autores que dialogam de maneira sensível e perspicaz com o tema da pesquisa entre eles: Henri Wallon, principal referência deste TCC sobre os estudos de desenvolvimento, pois o mesmo leva em consideração a afetividade na formação humana e educativa; outros estudiosos que seguem a mesma vertente de Wallon, dentre eles: Ricardo José Lima Bezerra; Hélène Gratiot Alfandéry; Isabel Galvão; Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida etc. Outro autor selecionado de forma secundária para complementar essa pesquisa que também, estuda as relações de afetividade e aprendizagem foi Piaget. Alguns dos estudiosos não seguem uma única vertente, abordam em suas escritas as teorias de Wallon, Piaget e Vigotski. Entre eles estão: Ana Ignez Belém Lima Nunes e Rosemary do Nascimento Silveira; Adriana Salette Loss e Ivone Maria Mendes Silva; Thatiana Segundo; Ricardo Francelino Silva.

O Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três partes. A primeira refere-se à introdução/ justificativa, na qual introduz o leitor a respeito do tema escolhido, ainda faz-se um recorte destacando o período de pandemia do Covid-19, em que houve mudanças significativas nas relações de afetividade e aprendizagem no contexto escolar, bem como no ambiente familiar. Na segunda parte está situado o referencial teórico contendo três seções: a primeira intitulada: “A afetividade no processo de formação humana e educativa: um olhar a partir dos estágios de desenvolvimento da criança” trata-se de como a criança evolui a partir dos estágios e de como a afetividade expressa-se nessas etapas. Ainda, postula a importância da afetividade na cognição a partir das etapas de desenvolvimento da criança. A segunda seção, que tem como título: “Afetividade, emoções, sentimentos: suas influências nas relações de autocuidado na aprendizagem.” traça a continuidade de alguns conceitos vistos na primeira seção, estes englobam a afetividade. Ainda, informa como os sentimentos, emoções expressas e o autocuidado na relação consigo e com o próximo contribuem na aprendizagem e nas relações entre os pares. A terceira e última seção desenvolvida, está intitulada “A afetividade e as práticas

pedagógicas: reflexões sobre o papel do professor”. Trata-se da relação da afetividade com as práticas docentes e de como estas afetam a aprendizagem escolar. Ressaltam também, a importância das estratégias docentes serem voltadas para construção dos vínculos afetivos e para a inserção do sujeito na sociedade. Por fim, as considerações finais, em que são contempladas as percepções evidenciadas frente às pesquisas acadêmicas. Na qual, pode contribuir para uma melhor visão de como a afetividade e outros aspectos associados à mesma influenciam e interferem positivamente ou negativamente na aprendizagem escolar de crianças.

1. A afetividade no processo de formação humana e educativa: um olhar a partir dos estágios de desenvolvimento da criança propostos por Henri Wallon.

As perspectivas da formação humana e educativa, nos diferentes estágios de desenvolvimento da criança, estará embasado na teoria psicogenética de Henri Wallon destacando os três primeiros estágios, pelo fato do renomado autor, ser o principal estudioso a considerar as transições da afetividade e aprendizagem no desenvolvimento da criança, incluindo outros estudiosos que seguem sua linha de raciocínio e para complementar de forma secundária se utilizará a relação de afetividade na visão de Piaget, com intuito de compreender e analisar melhor essas relações no desenvolvimento da criança.

Dito isso, primeiramente, é preciso considerar que o afeto é um fator importante para a dimensão humana. Alfandéry (2010, p. 37), a partir dos estudos de Wallon “[...] destaca que a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa”, sendo crucial para o desenvolvimento dos sujeitos enquanto seres que estão em constante formação e transformação.

Para Bezerra (2006), o conceito de afetividade é um:

conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza. (BEZERRA, 2006, p. 12 apud CODO & GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Pensando no desenvolvimento do sujeito, Nunes e Silveira (2011), compactuam da visão de que é importante compreender que o ser humano não pode ser quantificado em sua evolução. A constituição do sujeito,

de modo cada vez mais aperfeiçoado, parte de uma estrutura biológica que lhe serve de base, composta por processos elementares, como por exemplo a atenção e memória voluntária, a percepção imediata, etc. Como membro de uma determinada cultura o ser humano pondera-se, por meio de processos de aprendizagem e do universo que o cerca [...] (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 134).

No início da vida ao nascer, a criança depende de seus pais na maior parte do seu tempo e “seus movimentos expressam disposições orgânicas, estados afetivos de bem-estar ou mal-estar” (GALVÃO, 1995, p. 60). Ou seja, já no início da vida a criança passa a expressar-se afetivamente. Um dos estágios propostos por Wallon, segundo Nunes e Silveira (2011), “é o estágio nomeado “impulsivo emocional”, ocorre no primeiro ano de vida da criança e é caracterizado pelo desenvolvimento emocional das crianças, na qual comunicam-se por meio das emoções” (p.120)

Assim, conforme as sensações que as mesmas vêm sentido, explicitam aos seus pais suas necessidades e satisfações,

A vivencia de situações desagradáveis, como fome, cólica ou desconforto postural expressa-se em espasmos, contorções, gritos. Diferentemente, o bem estar decorrente de situações como saciedade, o sabor do leite ou o contato com o seio da mãe expressa-se por uma movimentação menos tensa e mais harmoniosa: os olhos abrem bem, os lábios esboçam um sorriso e, quando a satisfação é intensa, as pernas se mexem como se estivessem pedalando no vazio. (GALVÃO, 1995, p. 60).

Nas palavras de Nunes e Silveira (2011), a criança nota nos pais ou quem ocupa esse espaço em suas vidas, a primeira referência afetiva do amor. Nesse quesito, primeiramente tem como norte afetivo a mãe. Mas, mesmo o contexto familiar sendo o principal ponto de partida dos aspectos positivos como o amor, não significa que este seja o único sentimento, pois, estes modificam-se alternando em êxtases afáveis a mais repulsas, visto que cada um é essencial para a construção do sujeito.

Acredito que isso ocorre nas crianças maiores também, observa-se algumas semelhanças nessas particularidades porém, ao contrário dos bebês possuem mais autonomia e entendimento de suas necessidades. Dado que assim como os bebês, as crianças maiores procuram transpor os diferentes estados afetivos que encontram-se, sendo eles, bons ou ruins, em que os sentimentos afloram a qualquer momento. Nessa análise, Nunes e Silveira (2011), contribuem de forma significativa quando nos versam sobre a ótica de Freud,

[...]que embora possam ocorrer transformações nas atitudes emocionais, surgindo diferentes sentidos nos modos de agir e conviver, acredita que permanecem características (qualidades) centrais do modelo de relações

que cada um constituiu nos primórdios da infância. (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 66).

Dessa maneira, acredita-se que os pais são o suporte humano no início da constituição dos primeiros passos na vida e que estes influenciam em grande parte nas características das crianças.

Outro fator determinante na afetividade são as funções motoras. Essas

[...] vão além da tarefa de executar as ações pensadas pelo sujeito. O ato motor [...] garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal. (ALFANDÉRY, 2010, p. 37).

No início da vida da criança, o outro estágio que faz parte da teoria de Wallon é denominado “Sensório-motor e projetivo.” Segundo o que elucidam Mahoney e Almeida (2012), esse estágio origina-se na criança ao completar um ano de idade, expandindo-se até os três anos de vida. Os referidos autores, nos apontam que essa fase é caracterizada pelo desenvolvimento da criança em seu contexto. Em que, passa desenvolver-se intelectualmente, notando a sua realidade e demonstrando curiosidade na manipulação de materiais e em descobrir os movimentos que pode realizar com seu corpo diante das possibilidades ofertadas a mesma. Ocasionalmente assim, a formação da linguagem e a percepção de si e do mundo a sua volta. Em contrapartida o estágio Emocional é mais ligado ao lado afetivo e o Sensório- motor e projetivo volta-se mais para a construção do intelectual da criança.

Portanto, é através das ações motoras que os sujeitos comunicam-se e esboçam reações, nas aprendizagens, experiências e relações que são constituídas. Segundo Alfandéry (2010, p. 38), “o educador que se mantiver atento a essas manifestações da criança terá elementos extras para compreender e manejar o processo de aprendizagem.” De acordo, como mesmo autor, as funções motoras vão além do ato de pensar expressões afetivas, ilustram e descrevem de imediato os sentimentos frente a cada experiência vivida pela criança “ essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais” (ALFANDÉRY, 2010, p. 37).

Alfandéry (2010, p. 37) salienta que as funções de “movimento e agitação motora, normalmente são reconhecida pela escola como sinal de problema de

aprendizagem, baixo ou excessivo interesse[...]”. Em compreensão ao que o autor nos traz, é que a maneira de agitação por parte da criança mostra, por vezes, que é preciso proporcionar outras possibilidades de ensino, que promovam mais autonomia e desenvolvimento das relações entre os pares. Do ponto de vista negativo, essa aquisição de aprendizagem pode ser dificultada quando a criança está diariamente exposta a maneiras mecânicas de repetição, sem interação e socialização. Uma vez que não contribui para formação humana e para a aprendizagem educativa, pois não há partilha dos conhecimentos e pensamentos que a cerca, acaba tornando-se maçante e pouco atrativo, resultando em possíveis dificuldades na aprendizagem e na constituição da relação afetiva.

Do ponto de vista positivo, pode-se considerar que a agitação pode estar associada também ao entusiasmo por determinado assunto, em que a criança é incentivada, envolvendo-se e participando cada vez mais do momento de aprendizagem no ambiente escolar. Dessa maneira, o afeto constitui um significado maior na vida da criança, quando prevalece a partilha de conhecimentos, junção de pensamentos e união entre os pares. Em suma, ressalta-se a importância da construção das relações de afeto em meio à aprendizagem gerada no espaço escolar e como a iniciativa do docente pode contribuir positivamente na formação da criança enquanto sujeito, notando os interesses e incentivando para que desenvolva-se cada vez mais.

Este fato afirma a importância de o professor construir uma relação afetiva com a criança, a fim de motivá-la a agir e conhecer o mundo, pois uma das marcas da identidade docente é o cuidado com a relação interpessoal, empenho pessoal e o envolvimento afetivo. (LOSS; SILVA; 2018, p. 156 apud, MARCHESI, 2008).

Levando em consideração que as crianças passam por transformações durante o desenvolvimento na vida humana, atenta-se para as crises que fazem parte do espaço familiar e também do escolar, no contexto de pandemia. Do ponto de vista de Galvão (1995),

em uma situação de crise emocional (quando o sujeito mergulha-se completamente nos efeitos da emoção e perde o controle sobre suas próprias

ações) a tendência é que os efeitos da emoção se desvanescam caso não haja reações por parte do meio. (p. 64 e 65).

Um caso específico disso trata da vivência do estágio de Educação Infantil realizado por mim no qual, percebia-se que as crises emotivas nas crianças são claramente visíveis, principalmente nas que permaneciam na escola em turno integral. Com o retorno do presencial ficou ainda mais evidente, pois as crianças já haviam se habituado com a rotina em casa. Ao retornar para a escola, precisaram-se aos poucos se acostumar novamente ao contexto escolar, o que acarretou de início causa estranhamento. Nesse quesito, Nunes e Silveira (2011), nos convidam a pensar na perspectiva de Piaget, que relata

que o desenvolvimento do sujeito se dará no sentido de promover uma adaptação mais precisa da realidade. As estruturas mentais, assim como os processos afetivos da criança tenderão a alcançar níveis cada vez mais elevados de desenvolvimento, em função da ação recíproca entre a criança e seu ambiente. (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 93).

Dito isso, muitas das crises emotivas, em específico crises de choros das crianças no espaço escolar. Observou-se que essas por vezes, nem sempre denotavam um motivo aparente, sendo por vezes, crises momentâneas pois, quando acolhidas afetivamente pelas docentes parecia-me que sentiam-se mais seguras e confiantes, sendo uma possível solução para os momentos de angústia, tornando-as mais calmas. Nesse viés Galvão nos explicita em um trecho, o que venho referindo,

Mesmo em crianças maiores podemos identificar essas dinâmicas. Tomemos como exemplo as crises de choro sem motivo aparente mas é nas [...] crises de choro sem motivo aparente, no final de um dia agitado como aquelas típicas do final de um dia agitado. Cansada, mas muito irritada. Por um pretexto qualquer que a criança faz, uma birra, briga até conseguir chorar. Passada a crise fica calma, relaxada. Através do choro houve descarga da tensão que a impedia de relaxar. (GALVÃO, 1995, p. 63).

Ainda, nesse aspecto ao findar das aulas as crianças acabam por ficar mais exaustas, depois de um dia agitado, normalmente isso decorre pelo longo período que

as crianças permanecem dentro do ambiente escolar. Sendo uma rotina prescrita e diária em que as crianças precisam seguir, acaba por tornar-se exaustiva para as mesmas, quando não há compreensão docente sobre as necessidades das crianças. Nessa perspectiva,

[...]Especialmente com as crianças pequenas, é o cuidado de não se exigir comportamentos (estereotipados) para os quais elas não estejam aptas. Um exemplo é a cobrança de que fiquem quietas por um longo período a fim de que possam realizar determinadas atividades. Para Wallon, o movimento e a agitação da criança pequena relacionam-se, também, com processos maturacionais referentes ao funcionamento do sistema nervoso. Assim, não é uma atividade que dependa apenas de um comando externo, de uma exigência do adulto.[...] (NUNES;SILVEIRA, 2011, p. 128 apud, WALLON).

Se faz pertinente a compreensão por parte docente acerca da evolução das etapas de desenvolvimento da criança. Uma vez que em alguns momentos a criança poderá estar concentrada em algum outro fator cotidiano de seu interesse, dispersando-se dos demais estímulos. A razão disso ocorre principalmente no processo educativo, quando a explicação é complexa, a concentração não perdura por muito tempo.

Ademais, as crianças não conseguem se deter por horas em uma mesma posição ou atividade, o que requer entendimento por parte do docente respeitando o tempo da criança e procurando maneiras mais dinâmicas e socializadas. Nessa mesma visão, Nunes e Silveira (2011), notam a importância de mobilizar atividades que promovam a socialização em grupos, com isso intensificando o desenvolvimento motor, das relações afetivas e do intelectual das crianças. Isso faz-se importante para auxiliar no processo formativo da identidade, pois através do processo de socialização com os pares, o sujeito tem conhecimento das suas próprias particularidades.

Loss e Silva (2018), estipulam que a relação afetiva do professor com a criança não se acalenta apenas do contato físico entre os pares, mas são constituídas por uma relação de reciprocidade de entendimento, respeito e diálogo às necessidades. Deduz-se, então, que os estados afetivos são decorrentes de instabilidades nas crianças, quando algo não está do jeito que agrada, abala o humor, fazendo com que muitas das vezes, não consigam manter uma boa relação com os pares.

Porém, acredito que cada caso é específico e devem ser analisados os motivos da instabilidade emocional. Por isso, quando a sensibilidade do docente prevalece na observação, entendimento e no acolhimento das manifestações de maneira adequada, logo a criança tende a estabilizar-se com mais facilidade de forma mais afável. Nesse viés, Galvão, nos elucida que:

a observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente no qual está inserida. (GALVÃO, 1995, p. 36).

Acredito que é preciso diálogo dependendo do comportamento da criança, mas que acima de tudo um olhar compreensível aos diferentes momentos que as crianças encontram-se sem julgamentos prévios. Afinal, as mudanças nos estados afetivos fazem parte do desenvolvimento dos estágios das crianças. Nas palavras de Wallon:

o que distingue os estágios entre si é um estilo particular de comportamento. Sem dúvida, sua sucessão é tão rápida nas primeiras etapas da infância que nos confins entre um estágio e outro pode haver intrincamento mútuo e frequentemente também, alternância [...] (WALLON, 2015, p. 119).

Em suma, é importante notar as reações e atitudes das crianças para saber a maneira a qual deve-se agir em cada situação priorizando as diferentes dimensões afetivas que impulsionam a razão e é estipulando como um norte das ações,

quando se trata de analisar o domínio dos afetos nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma energia; portanto, como algo que impulsiona as ações. [...]Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço. (BARBOSA, 2020, p. 2 apud, TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, p. 65).

Compreende-se a criança enquanto sujeito na qual, está exposta a diferentes formas afetivas do adulto. Nessa lógica, a criança necessita ser vista na perspectiva do desenvolvimento que encontra-se na infância, nunca pela visão reducionista do

adulto pois, o que observa-se com frequência no contexto escolar é que alguns docentes não compreendem as crianças em sua formação e que “[...] tendem a julgar as manifestações infantis pela ótica esperada dos comportamentos adultos. [...] que leva os adultos a interpretações enviesadas e redutoras da expressividade infantil. [...]” (ALFANDÉRY, 2010, p. 41).

Um fator disso, é quando ingressam nos Anos Iniciais, muitas das crianças sentem medo das responsabilidades que lhes são impostas, afinal, é raro quem não tenha escutado “agora que chegou nos Anos Iniciais a brincadeira acabou, é chegada a hora de estudar!”. Foi o que eu também ouvi de uma docente no ingresso da nova etapa. Essa é uma situação em que por vezes, as crianças vivenciam diariamente, a adultização e a responsabilidade em pleno processo de desenvolvimento da infância. Loss, Silva, Souza e Pagliarin (2018), nos versam sobre este fato que,

A infância também deve ser respeitada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, se faz necessário a eliminação da adultização da criança no contexto escolar. Por isso, o contexto escolar deve ser rico de situações de aprendizagem para a infância, de modo a considerar as necessidades de cada faixa etária, assegurando a aprendizagem. Uma das necessidades da criança a ser respeitada pela escola é a necessidade pelo afeto e pelo brincar. (p. 158).

Nunes e Silveira (2011), orientam que o contexto escolar é um lugar no qual a criança passa boa parte de sua existência. Tendo a escola um papel fundamental não somente na construção da aprendizagem, mas também, pode auxiliar a criança na compreensão e entendimento das necessidades dos divergentes estágios de evolução.

Diante disso, as crianças precisam ser reconhecidas e valorizadas pelas suas próprias manifestações afetivas, sejam elas de cunho positivo ou negativo, pois o papel do docente na formação humana e educativa da criança é exatamente o de orientar as crianças da maneira mais proveitosa, buscando contemplar o pleno desenvolvimento da criança em cada estágio:

[...]Para isto, é necessário conhecer a criança em suas variadas dimensões: o tipo de relação que trava com o meio, suas condições de vida, interesses, os grupos aos quais pertence. É importante, ainda, compreender essa criança em toda sua complexidade (afetiva, intelectual e motora) e oferecer atividades/ vivências escolares coerentes com essa visão integral de desenvolvimento (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 125).

Independente das fases que encontram-se, precisam de assistência na formação, sendo essas condizentes com a faixa etária e suas próprias necessidades, de jeito algum com estereótipos adultos, pois

[...] é o mundo dos adultos que o meio lhe impõe e disso decorre, em cada época, certa uniformidade de formação mental. Mas nem por isso o adulto tem o direito de só conhecer na criança o que põe nela. E, em primeiro lugar, a maneira como a criança assimila o que é posto nela pode não ter nenhuma semelhança com a maneira como o próprio adulto o utiliza. Se o adulto vai mais longe que a criança, a criança, à sua maneira, vai mais longe que o adulto. [...] (ALFANDÉRY, 2010, p. 47).

Quando privadas de suas manifestações as crianças não conseguem expressar-se da maneira que gostariam, onde são dispostas em um ambiente que oprime suas manifestações ou atitudes, nesta visão Galvão entra em concordância com as palavras de Alfandéry quando nos indaga que “é comum que se olhe a conduta da criança como um diminutivo da conduta do adulto, como se houvesse só diferenças quantitativas” (GALVÃO, 1995, p. 37). De fato, os referidos autores nos mostram que esse pensamento acaba por não reconhecer as características da criança, ainda nas palavras do mesmo autor, “esta perspectiva leva a caracterização do comportamento infantil como aglomerado de faltas e insuficiências, o que obscurece a apreensão de suas peculiaridades e características próprias” (GALVÃO, 1995, p. 37).

Nesse viés, diferentemente do adulto, a criança ainda está constituindo a própria personalidade, portanto, vivenciar e expressar-se na infância sem privações e expectativas adultas, torna-se essencial para o crescimento, descobertas e conhecimento das próprias preferências das crianças. O espaço escolar, é o local que tem uma participação significativa na constituição dos sujeitos, pois “ [...]os momentos de afetividade vividos são de extrema importância para a formação da criança como sujeito que interage, que descobre, que cria, e assim, se desenvolve ” (FABRIM; NICOLAY, 2013, p. 29)

Posto que a criança em fase de desenvolvimento cognitivo tem como referência o adulto, passa a imitar as atitudes que observa diariamente pois, “através de suas sucessivas experiências e das dificuldades – ou não – para vencê-las, a criança

depende para viver e sobreviver durante muito tempo dos adultos que a cercam” (BEZERRA, 2006, p. 21). Ou seja, o adulto tem um papel importante na vida criança desde o seu nascimento, até atingir sua maioridade, possuindo responsabilidades inclusive na formação afetiva e na personalidade como um todo. Em contrapartida Nunes e Silveira (2011), versam em seus estudos na vertente de Rogers que,

O tipo de relação que se estabelece entre as pessoas, desde o início da vida, é fator crucial de estruturação psicológica e de constituição do Self, ou seja, de si mesmo. Contudo, salienta que o indivíduo tem um poder de autonomia intrínseca, sendo construtor de seu percurso pessoal. Acredita que o próprio sujeito é responsável por mudanças em sua vida; por existir um mecanismo de autorregulação no desenvolvimento (p. 47).

A personalidade da criança é um processo que constrói-se enquanto sujeito no espaço que está inserida, Galvão (1995), com base nos estudos científicos de Wallon, nos complementa que o estágio que corresponde à constituição da personalidade da criança, é denominado “ personalismo”, em que corresponde a etapa dos três aos seis anos de idade da criança. Ainda, na descrição da autora, essa etapa é a “ construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas” (GALVÃO, 1995, p. 44). Nessa mesma direção Bezerra (2006), com base em Wallon, relata que a agitação que ocorre entre si e outro não é advinda somente no estágio personalista, sendo que o mesmo ocorrerá na fase da adolescência e que esse conflito é importante para a constituição da própria individualidade, pois, é um norte para conhecimento das diferenças de si próprio.

Na sequência diante da evolução do estágio do personalismo, segundo o que diz o estudo de Alfandéry (2010, p. 34) “em sua teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade Henri Wallon integra afetividade e a inteligência”. Sendo a afetividade ligada na formação da inteligência do sujeito, a estabilidade afetiva que a criança tem com docente auxilia no desenvolvimento e formação humana e educativa. Visto que, no instante em que a criança sente-se bem afetivamente com os familiares até mesmo no ambiente escolar, o conhecimento e a concentração tornam-se mais significativas para a mesma. Uma vez que, o estágio do personalismo é marcado por mudanças na formação da personalidade, onde entra o

papel docente como figura exemplar a qual, vem acolher a criança na constituição de si própria e das relações afetivas entre os pares em seus divergentes contextos.

Quanto à inteligência, Wallon diz que toda a atividade cognitiva, ou seja, todo o armazenamento organizado de informações da criança implica em sua origem, seu desenvolvimento ou sua conclusão, inevitáveis componentes afetivos que por si mesmo impulsionam a aprendizagem. Este pensador da emoção alerta também, que, se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, onde costuma surgir por vezes hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, então diante de todos esses aspectos, nós professores poderemos receber essas atitudes com mais tolerância e não tomá-la como afrontas pessoais (BEZERRA, 2006, p. 24, apud WALLON).

Segundo o que enfatiza Alfandéry “essa dinâmica entre a inteligência e a afetividade é marcada por rupturas e sobreposições, elucidada que ela acontece por meio do mecanismo de alternâncias funcionais” (ALFANDÉRY, 2010, p. 34) ou seja, o desenvolvimento da inteligência e da afetividade é marcado por tudo que a criança vivenciou anteriormente em seu estágio, intensificando-se com as novas experiências que irá presenciar no desenvolver da nova fase. Em análise, as alternâncias funcionais, Nunes e Silveira (2011), nos explicam a partir, da visão de Wallon sobre isso, que

Em cada fase predomina um tipo de características, havendo alternância entre as manifestações intelectuais e afetivas, o que Wallon chamou de alternância funcional. Nas etapas em que a criança está mais fortemente implicada no componente intelectual, ela volta-se para ações, interesses em atividades de conhecimento do mundo externo, do que está ocorrendo em seu ambiente físico e social. As etapas em que predomina a afetividade são momentos mais ligados à construção de si, no contexto de interação com os outros (p. 119, apud WALLON).

Nesse viés, Galvão (1995), nos expõe que não se tem término para a construção da inteligência, pois dependem do contexto e do modo como o sujeito apropria-se da mesma. Nesse sentido, Leite (2012) nos corrobora explicitando que,

a afetividade é um conceito mais amplo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressão mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação [...] (LEITE, 2012, p. 360).

Ainda a respeito disso, Loss, Silva, Souza e Pagliarin (2018), ressaltam a ligação estreita entre afetividade e Inteligência na perspectiva de Piaget, em que verificam que no pensamento, a criança bem pequena ainda não se qualifica pelo ato de assimilar e acomodar e que a relação dos aspectos afetivos, caracteriza-se sucessivamente por uma adequação da realidade, constituindo-se gradualmente com a inteligência .

Com base nos estudos de Nunes e Silveira (2011), é possível perceber que as etapas de cada estágio não possuem um período decisivo ou duração exata em cada faixa etária pois, trata-se da evolução do desenvolvimento das crianças e cada qual, tem seu tempo, levando em conta seus modos de vida e interações nesse processo.

Como é perceptível, os autores nos evidenciam que para constituir uma formação humana e educativa, que contemple o acolhimento afetivo, o contexto familiar e escolar deve estar entrelaçado no entendimento e na compreensão das necessidades das crianças. Respeitando a criança em seus diferentes estágios de desenvolvimento, que são responsáveis pela cognição. Ressaltando, a importância da valorização das formas de expressões da criança sem estereótipos dos adultos. Nada é em vão, tudo o que nos afeta positivamente ou negativamente traz algum sentido nas relações pessoais e sociais e inclusive na aprendizagem, que participa da formação humana.

Ao docente espera-se conhecimento, comprometimento, dedicação e acima de tudo, sensibilidade ao compartilhar da formação humana e educativa das crianças, afinal, o professor tanto quanto os pais, é o espelho e o pilar para a criança. No afeto, certamente intensifica-se o processo de formação do sujeito e da aprendizagem, no desejo pela busca do conhecimento. A criança precisa e nós precisamos enquanto profissionais responsáveis pela formação humana e educacional ensinar com afeto, a fim de formar sujeitos melhores para a sociedade.

No próximo capítulo traçaremos alguns conceitos ligados à afetividade, sendo eles: as emoções e sentimentos e, ainda, explicitaremos como esses conceitos se

expressam e influenciam nas relações de autocuidado consigo e com o próximo nos momentos de aprendizagem.

2. Afetividade, emoções, sentimentos: suas influências nas relações de autocuidado na aprendizagem

A afetividade está ligada com os diferentes sentimentos na maneira e nas formas de expressão do sujeito, bem como é proveniente das divergentes sensações em determinadas situações que o afetam de alguma maneira. Na aprendizagem, os sentimentos precisam ser considerados dentro das relações das crianças de cuidado consigo e com o outro. Vale ressaltar que o sentimento

Correspondente à expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção[...]Os sentimentos podem ser expressos pela mímica e pela linguagem, que multiplicam as tonalidades, as cumplicidades tácitas ou subentendidas.[...] (MAHONEY; ALMEIDA, 1995, p. 21).

Outros autores percebem a afetividade próxima a aspectos relacionais, quando os sujeitos constituem um lado afável com o próximo e que a partir dessa relação de troca é atribuído um sentimento ainda mais solidificado

[...]Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência. (BARBOSA, 2020, p. 1 apud, ANTUNES, 2008, p. 1).

Como foi explicitado na seção anterior, a afetividade, as emoções e os sentimentos são formados desde o início da vida, onde desenvolvem-se conforme as diferentes etapas e momentos da vida da criança. De acordo com Mahoney e Almeida (1995), a afetividade compreende a três etapas,

a teoria tem três momentos marcantes, sucessivos na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão; Os três resultam de fatores orgânicos e sociais, e correspondem a configurações diferentes; Na emoção,

há predomínio da ativação fisiológica, no sentimento da ativação representacional, na paixão autocontrole. (MAHONEY; ALMEIDA, 1995, p. 20).

Ainda, nas palavras dos mesmos autores, a emoção é o exterior da afetividade, o que significa que são os gestos corporais. Tem um papel de expressividade transmitido de uma pessoa para outra, é responsável por auxiliar os vínculos do sujeito e seu redor. Já a paixão vem como controle para se deter no momento, tentando assim, omitir as emoções, contudo, a paixão não encontra-se antes da etapa do personalismo. Em contrapartida, Silva (2017) explica

[...]que os sentimentos são as representações das emoções, a essência afetiva mais próxima da razão do que da emoção, de modo que é influenciado pelas emoções, mas se apresenta como uma representação de emoção mais cognitivizada. Um sentimento pode ser concebido como a capacidade psíquica de transformar em imagem simbólica nossas emoções. (SILVA, 2017, p. 45).

Nas palavras de Loss e Silva (2018), a afetividade, as emoções e os sentimentos precisam andar sempre articulados, pois um complementa o outro. No contexto educacional possuem grande relevância tanto nos aspectos cognitivos como social. Nessa visão a não junção da interligação de ambas as partes, prejudicam a formação do ser humano, que depende claramente dessas relações para tornar-se minimamente um ser social. Essas junções influenciam nas emoções, por marcar as situações das nossas vidas, são responsáveis nas maneiras de reações mediante as experiências que nos são proporcionadas.

Dessa forma, entender esses inúmeros aspectos constituídos na afetividade faz-se necessário na docência, pois de acordo com que enfatiza Loss, Silva (2018) os aspectos da vida afetiva (emoções e sentimentos), além de serem responsáveis por formar o sujeito como um todo, têm relevância principalmente na vida psíquica, “assim necessitamos deles para dar cor e sabor à nossa vida, nos orientar e nos ajudar nas decisões [...]” (LOSS; SILVA, 2018, p. 115).

Sendo assim, “a emoção [...] instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e por sua vez também a afetividade, onde as emoções se manifestam” (BEZERRA, 2006, p. 21). Ou seja, como boa parte dos estudos

mostram, nos momentos de aprendizagens, essas manifestações fazem-se presentes diariamente, visto que as emoções e as afetividades são intrínsecas. É preciso considerar que “ao contrário do se pensava no passado, toda interação entre as pessoas, é uma relação de seres emotivos. [...] Sendo impossível retirar as emoções do processo, se faz necessário compreendê-las[...]” (MUSSATO; VIERO, 2018, p. 193).

Ainda segundo Mussato e Viero (2018, p. 193) “para compreender cada aluno, o professor deve estar ligado ao que acontece e no que influencia certas emoções. Por qual razão isso ocorre, o porquê cada um age de uma forma”. As crianças expressam sentimentos quando agrada e também, quando não agrada. Uma vez, que a reflexão e compreensão dos diferentes sentimentos das crianças por parte do docente, torna sua prática mais enriquecedora de encontro com a criança propiciando melhores resultados no ensino e na aprendizagem.

Nesse viés, “é importante ressaltar que cabe ao professor valorizar e fortalecer a bagagem cultural e o meio que a criança está inserida, rico em sentimentos e emoções” (LOSS; SILVA, 2018, p. 129). O professor necessita considerar que a criança é formada por divergentes conhecimentos e vivências afetivas dentro de sua realidade, que não podem ser ignoradas. Mas, acolhidas com sensibilidade, pois envolvem o processo de formação humana e educativa da criança enquanto sujeito afetivo.

Objetiva-se, que na relação afetiva a criança constrói significado na aprendizagem entre os pares, pois um ambiente educativo propício a torna curiosa, mais a vontade para problematizar, investigar e se permitir ao conhecimento de maneira leve e prazerosa. De acordo com Loss e Silva (2018), a afetividade no contexto escolar deve promover relações que contemplem as particularidades das crianças, dentro de uma prática educativa, “que levem a criança a descobrir, criar, se reinventar, aprendendo e reconstruindo seu conhecimento de forma integral, levando em consideração seus sentimentos, desejos e necessidades” (LOSS; SILVA, 2018, p. 127).

O vínculo afetivo na escola envolve, também, o auto-cuidado com o próximo na convivência entre os pares, uma vez que é preciso estar bem afetivamente para poder primeiramente cuidar de si e depois do outro, tornando assim a escola um contexto de compreensão da importância do autocuidado entre professor - criança. Nessa relação de troca mútua, o cuidado permite também o autoconhecimento. Nesse viés,

O cuidar de si é uma dimensão humana que precisa ser apreendida, vivenciada e experienciada ao longo da vida. Por isso, consideramos importante e necessário que os centros educativos tenham como propósito a formação humana na dinâmica do processo de autoconhecimento (LOSS; SILVA, 2018, p. 51).

No contexto educativo, o cuidado de si e do próximo, bem como a relação da afetividade são pouco abordados, pois na maioria das vezes, a preocupação está na produção, em sobrecarregar o caderno de escrita. Considerando assim, mais a cognição e pouco os sentimentos, já que "os aspectos cognitivos são tomados com maior relevância, sejam no ambiente escolar ou no familiar não vendo a criança em sua totalidade despreocupando-se muitas vezes com o que é primordial: a afetividade" (REFATTI; MARTINS, 2018, p. 127)

Logo, faz-se necessário compreender que o fazer pedagógico exige, além do comprometimento cognitivo e intelectual, o autocuidado do sujeito consigo e com o outro. Refletir sobre os sentimentos exercitando diariamente essa prática, e principalmente dando autonomia para as crianças expressarem-se quando sentirem-se confiantes e seguras, faz com que compreendam que o docente está disposto a acolhê-las com afeto. Pois, quando se tem clareza do sujeito como um todo, de acordo com seu contexto, suas particularidades e principalmente, ensina-se e venera o autocuidado dos sentimentos, emoções, dentre outras expressividades, passa-se a considerar e valorizar um contexto educativo mais significativo para o ensino e a aprendizagem.

No momento, que o espaço escolar e familiar privilegia o ensinamento do autocuidado, permite à criança conhecer-se como um sujeito mais sensato, sabendo distinguir seus sentimentos e ao mesmo tempo expressá-los da maneira que gostaria. Visto que, de acordo com que salienta Loss e Silva (2018), a partir do autoconhecimento a criança tem clareza do que vem sentindo, conseguindo distinguir melhor suas particularidades, as atitudes que precisa tomar coletivamente e individualmente.

Bonavigo e Poletto (2018), reforçam que a constituição do sujeito é mantida por tudo que vive, dar-se assim, via autoconhecimento no diálogo com si próprio e com o próximo. Tendo isso em vista, as relações com as pessoas contribuem para a

construção de sua própria identidade e de suas sucessivas experiências, na qual o autoconhecimento adentra em todas essas singularidades. Nesse sentido, "O eu, outrem, cuidar de si, solidariedade, são aspectos que nas relações devem estar constituídos e construídos de forma que o indivíduo possa ter conhecimento de si, de seus sentimentos, para poder auxiliar o outro" (BONAVIGO; POLETTI, 2018, p. 93)

Os estudos de Ribeiro, Jutras e Louis (1995), relatam a importância do docente atentar-se para a manifestação dos sentimentos. E que esta hipótese vem contribuir para melhor conhecimento dos seus estudantes, auxiliando na sua própria prática e nos modos de se relacionar entre os pares,

Efetivamente, a expressão dos sentimentos é considerada como uma manifestação normal do ser humano. Ela comporta não somente a vantagem de permitir, ao professor conhecer seus alunos e refletir na e sobre a sua prática, mas, ainda, de tornar possível aos alunos aprender a relacionar-se melhor com os outros (p. 40).

Os referidos autores ainda nos esclarecem que expor os sentimentos é difícil para as crianças, pois possuem receio do que o próximo irá pensar. Porém, se o ambiente torna-se propício e respeitoso entre os pares, os alunos tendem a exprimir seus sentimentos prontamente. Diante de situações repulsivas o professor necessita conversar com o estudante, não ignorar o ocorrido, pois dessa forma gerará uma apatia com relação a dificuldade do aluno. Em questão de problemas comportamentais, é preciso reagir e compreender a fim de auxiliar o mesmo a melhores atitudes.

Tendo em vista, o auxílio do professor na liberdade de expressão dos sentimentos da criança é essencial esse acolhimento das emoções e sentimentos, isso sem dúvida é uma tarefa que exige cautela, pois, trata-se de sentimentos e pessoas. Portanto, o docente precisa pensar maneiras que facilitem o conhecimento de como encontra-se internamente essa criança.

Segundo o que mostram os estudos de Mahoney e Almeida (2012), o professor pode utilizar meios para auxiliar no processo de reflexão e autoconhecimento dessas emoções. Ofertando momentos, em que a criança tenha oportunidade de demonstrar as emoções e sentimentos propiciando também, desenvolvimento das diferentes disciplinas que as crianças desenvolvem no contexto escolar. Dentre essas maneiras,

Expressar-se verbalmente em textos, discussões, poesia, teatro, permitir o movimento para libertar a tensão, intercalar momentos de maior e menor concentração etc. Enfim, propiciar um ambiente de liberdade de expressão tanto para o professor quanto para o alunos. Para racionalizar suas próprias emoções, o professor pode ainda refletir sobre sua própria ação e a do aluno, antes de uma resposta; dar-se tempo para a atitude; permitir que o aluno expresse seus sentimentos (MAHONEY; ALMEIDA, 2012, p. 83).

Nunes e Silveira (2011), compactuam da mesma visão de Mahoney e Almeida (2012), quando refere-se que a escola, é o lugar propício para expressão de sentimentos e desenvolvimento das atitudes e das maneiras de agir em fatos conflituosos

Na escola, o aluno pode conseguir um espaço maior para exercitar suas escolhas([...]atividades lúdicas, leituras), principalmente, quando tem um professor que conhece suas particularidades e elabora atividades coerentes com sua realidade. É possível que o aluno possa ampliar gradativamente a sua socialização, expressando seus sentimentos de uma forma mais autônoma, ensaiando seus “nãos”, sem receber sanções, recriminações. Isto pode contribuir significativamente em seu processo de desenvolvimento, nos diversos aspectos, incluindo a administração das situações conflituosas que vivencia no período (p. 125).

No espaço escolar, quando se trata de autoconhecimento no processo de ensino e de aprendizagem, é essencial que se tenha clareza de como desenvolvem-se as relações e interações de professores e alunos. De acordo com Nunes e Silveira (2011), podem ocorrer conflitos entre os pares, o que é comum, pois, convivem e são expostos a várias situações diferentes. Desmistificando o comportamento e desempenho da criança, é preciso considerar a realidade de todos os sujeitos constituintes desses espaços.

Sendo assim, entender o contexto familiar e como são geridas as emoções, sentimentos e afetividade, é importante para se ter clareza sobre o que vem acarretando certas dificuldades relacionais e conflituosas, do ponto de vista de Silva (2017),

Na escola, o conflito se apresenta em situações das mais diversas possíveis, seja por uma interpretação errônea de uma frase, seja por não ter suas dúvidas atendidas no tempo desejado, seja por não concordar com as posições e proposições do professor. O conflito, como em qualquer situação da vida em sociedade, faz parte das relações humanas e podem ser direcionados para motivar a superação das dificuldades (p. 33).

No mesmo pensamento, Fabrim e Nicolay (2013), expressam que as emoções e os valores tendem a ser orientadores da direção dos sentimentos na deliberação de conflitos. Ainda, a educação da afetividade se trabalhada entre as disciplinas pode fazer com que os sujeitos tenham conhecimento das suas próprias emoções e dos que o cercam.

[...]as emoções e os valores [...] despertam o controle dos próprios sentimentos na resolução dos conflitos; além do mais a educação da afetividade trabalhada de maneira interdisciplinar pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem diariamente (FABRIM; NICOLAY, 2013, p. 25).

Quando surgem os conflitos no contexto escolar entre os pares, "quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestações de suas reações emocionais e conseqüentemente encontrar caminhos para solucioná-los" (GALVÃO, 1995, p. 104). Nunes e Silveira (2011), nos discorrem que é importante que o docente consiga discernir o momento de conflito, se este é indispensável ou breve, ou até como desordenado, de desestabilização desagradável que comprometa o momento de ensino.

[...]No campo da educação formal, levar a criança a aprender a lidar com o conflito é um processo em que os educadores precisam de se envolver, desde as fases mais precoces da vida escolar. A aprendizagem da vida democrática deve começar desde o jardim-de-infância, cujas salas de atividades são os primeiros espaços de vida pública para a criança. Neste sentido, o educador precisa de estar preparado para desempenhar o papel de mediador de conflitos [...] (FREIRE; CAETANO; SOBRAL; MACHADO, 2018, p. 64).

Portanto, os momentos conflituosos são necessários para o autoconhecimento. Mesmo sendo, um momento mais desafiador para as crianças quanto para o professor

gerir os sentimentos e as emoções dos estudantes na situação. Torna-se essencial, para o desenvolvimento das crianças, com isso podem compreender com o auxílio do professor, que ninguém é igual, cada um pensa diferente. Sendo assim, o docente necessita articular esses momentos conflituosos, para que sejam momentos reflexivos de autoconhecimento, não de julgamentos mas, de compreensão das particularidades do próximo.

O cuidado da relação Eu-Tu significa o Eu saber gerir as emoções e pensamentos para afetar positivamente o outro e não negativamente. Esse cuidado do modo como afetamos os outros e nos deixamos afetar faz parte da construção da ética nas relações. (LOSS, SILVA, 2018, p. 53).

Loss e Silva (2018), apontam que o educar das emoções na ótica do autoconhecimento deveria estar na formação dos docentes, a fim de que pudessem compreender melhor esse processo para contribuir na vida da criança. Nas palavras das referidas autoras, “ o autoconhecimento como processo formativo de tomada de consciência a partir das situações de auto reflexão tem muito a contribuir para a formação ética do ser humano” (LOSS; SILVA, 2018, p. 51).

Assim, na perspectiva de Piaget (2010), um sentimento que fortalece na junção das crianças é o respeito com o próximo em uma correspondência mútua, “ora, o respeito mútuo conduz formas novas de sentimentos morais, distintas da obediência exterior inicial. Pode-se citar, em primeiro lugar, as transformações referentes ao sentimento de regra, tanto que liga as crianças entre si[...]” (PIAGET, 2010, p. 53). Ou seja, quando as crianças aprendem a respeitar o próximo, o sentimento que passa a se formar constitui ela em um sujeito mais honesto e justo, principalmente quando precisa seguir regras, como esperar sua vez, para que todos possam participar. Disso, inclui o cuidado de aprender a considerar a participação do outro em sua vida, em seu cotidiano.

Portanto, compreendeu-se que a afetividade articulada às emoções e sentimentos são fatores de extrema influência nas relações de autocuidado no momento de aprendizagem e na vida da criança. Para que realmente essas singularidades sejam reconhecidas nas crianças, esses aspectos precisam ser articulados nas formações docentes, para que tenha-se conhecimento e preparo de como lidar com as mais divergentes necessidades humanas. Afinal, o docente precisa

ser orientado para compreender e poder auxiliar na dimensão do autocuidado da criança consigo e com o próximo. Além, de que a criança em seu processo de autoconhecimento passa por momentos conflituosos, que precisam ser levados em conta, a fim de torná-la um sujeito melhor, é nessas situações que o docente pode agir educando as emoções e sentimentos das crianças, para que compreendam com isso, o respeito e o cuidado para afetar positivamente o próximo. Ressaltando que esses momentos não devem ser de julgamentos mas, de acolhimento na resolução dos conflitos.

No próximo capítulo serão abordadas algumas transformações nas práticas pedagógicas e ainda sobre o papel do docente considerando a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, de modo a conduzir a criança como centro do planejamento concebendo autonomia e incentivo na busca de conhecimentos.

3. A afetividade e as práticas pedagógicas: reflexões sobre o papel do professor

Ao longo do tempo, observa-se que houve algumas mudanças nas práticas docentes, como por exemplo, ênfase na qualidade do ensino e menor preocupação na quantidade, centralidade na criança como participante do processo de aprendizagem e não somente como mera receptora de informações. Porém, isso é um processo em transformação. É preciso observar que ainda existem docentes que visam sua prática voltada somente para transmissão de conteúdos, sem entender a importância de formar sujeitos que possam contribuir na sociedade de maneira crítica:

[...] o que observamos na educação contemporânea, sem generalizações, não são professores facilitadores, mas sim, “ditadores conceituais” focados na transmissão dos conteúdos, totalmente desarticulados da realidade dos educandos, deixando de lado o comprometimento na formação de cidadãos críticos que tenham possibilidade de intervir em sua realidade social.[...] (SOARES; BERTOLASSI, 2018, p. 170)

Ribeiro (2010), pondera que [...] “a necessidade de desenvolver competências profissionais leva a considerar também a dimensão afetiva na formação dos professores, isto é, as competências relacionais.[...]” (p. 406). Esse fato, nos direciona que

[...] a afetividade deve estar impregnada na aprendizagem, visto que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculado. No cotidiano escolar, a relação entre as crianças, professores, currículos, livros, escrita, não acontece especificamente no aspecto cognitivo. Existe sim, uma base sólida afetiva permeando essas relações, visto que, para que a aprendizagem ocorra é necessário confiança entre quem ensina e quem aprende. (REFFATTI; MARTINS, 2018, p. 129 apud FERNANDEZ, 1991, sp).

Ainda assim, considera-se uma significativa mudança em muitos desses profissionais. Em que o professor tornou-se muito além de um profissional que se detém em ensinar conteúdos, redimensionando as crianças para outros saberes que implicam, não somente na cognição, mas na dimensão afetiva. Pensando na formação da conduta das crianças e em seu vínculo com a mesma. Frente a essa perspectiva pedagógica Ribeiro (2010), nos elucida que nos dias de hoje,

[...]o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes. [...] (RIBEIRO, 2010, p. 405).

Aos poucos, a afetividade vem ganhando formas no contexto escolar e a preocupação na formação da criança como sujeito participante e atuante na sociedade, pois nota-se que “a afetividade é tida como determinante para a adoção de valores que conduzirão as atitudes e práticas do sujeito enquanto ser social” (FABRIM, NICOLAY, 2013, p. 20). Ou seja, já no contexto escolar a criança vem compreendendo valores que auxiliaram em seu desenvolvimento e inserção social, na qual a escola desempenha um papel importante e decisivo na vida da criança.

Os referidos autores ainda compactuam do mesmo pensamento de Ribeiro (2010), quando ressaltam a importância do vínculo de afetividade do docente com a criança. Uma vez que, a criança passa a desenvolver-se em um contexto emancipatório que contribui para a constituição na sociedade. Dessa maneira, a aptidão e junção das relações entre professor, criança e a afetividade solidificam um melhor desenvolvimento tanto do estudante quanto do professor no ato de ensinar.

Nos estudos de Segundo (2007) o mesmo ocorre, quando discorre sobre a afetividade no contexto escolar, em conformidade nos elucida que a maneira como o docente age em sala de aula, deve abranger além do cognitivo, “[...]as decisões tomadas pelo professor não se sustentam meramente no plano cognitivo, uma vez que apresentam implicações afetivas no aluno e na sua relação com o conhecimento” (SEGUNDO, 2007, p. 64). O referido autor, ainda nos versa que,

A dimensão afetiva está presente em todas as interações sociais e interage com o processo de desenvolvimento cognitivo, não podendo ser desconsiderado o ambiente escolar, onde as relações estabelecidas entre os sujeitos e com os objetos do conhecimento pressupõem a importância da afetividade. (SEGUNDO, 2007, p. 16).

Dessa maneira o vínculo afetivo e a confiança que as crianças constituem com o docente favorecem o conhecimento dentro de suas particularidades, pois as formas

de relação entre professor e o estudante implicam na maneira de raciocínio do conteúdo. Nesse aspecto Alfandéry (2010, p. 16) através de Wallon afirma que “a afetividade participa da aprendizagem do conteúdo, uma vez que a forma como o professor se relaciona com o seu aluno, reflete nas relações do aluno com o conhecimento.” Essa é uma responsabilidade ímpar na docência, já que considerar os aspectos afetivos exige discernir como mediar a criança de maneira mais sensível e promissora. Nas palavras do mesmo autor,

a afetividade está presente no trabalho pedagógico do professor, mesmo quando este não se dá conta; e cabe a ele, enquanto mediador da relação sujeito/objeto, cuidar para que esta experiência possa ser prazerosa e não aversiva para o sujeito em questão (ALFANDÉRY, 2010, p. 16).

Em conformidade, Karpinski e Bampi (2018), nos convidam a pensar sobre a perspectiva de Vigotski, que nos indaga a favor do potencial da criança no processo de aprendizagem e que o desenvolvimento somente acontece em relação com as outras pessoas à sua volta. Uma vez que em cada criança a evolução é diferente, pois cada qual possui suas próprias necessidades. Nos objetivando assim, que as questões sociais relacionadas pelas crianças, parte de suas vivências, não nascem com qualidades e particularidades já definidas, mas se adequam e se transformam no meio social:

A criança nasce com o potencial de aprendizagem, mas somente desenvolverá este potencial no convívio com outras pessoas. O desenvolvimento cerebral e a construção de conhecimentos são particulares, tem características individuais. Os significados sociais são internalizados por cada um dos indivíduos de maneira especial, conforme sua experiência e genética. (KARPINSKI; BAMPI, 2018, p. 139).

Ainda na visão das autoras, construída com base em Vigotski, as crianças precisam ser acolhidas com sensibilidade e que há uma relação intrínseca do afeto que a criança constrói em vista do educador na constituição da sua aprendizagem. “Dessa forma, nós, como educadores, precisamos educar nossa audição, ou melhor, treinar nossos ouvidos para escutar, mas escutar com interesse o que nossas crianças querem nos dizer” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2018, p. 175). Portanto, o ato de ensinar, exige escuta atenta e discernimento do que as crianças querem nos explicitar.

Bezerra (2006), com base nos estudos de Wallon, nos elucida frente a importância da autoestima na aprendizagem dos estudantes nas quais,

Pesquisas realizadas tomando como foco da análise a auto-imagem e a relação com o desempenho escolar mostram forte relação entre afetividade e a capacidade de aprendizagem de adolescentes e crianças. Em geral, aprende mais rápido e com mais facilidade o aluno que está bem afetivamente. Seu desempenho tende a ser efetivamente positivo, pois a auto-estima elevada levam a uma ação sobre a realidade mais firme e convicta. (BEZERRA, 2006, p. 25).

As formas de vínculo que a criança tem com o docente recai em sua auto-estima, pois, a maneira que o professor zela pela criança, faz com que ela tenha uma outra imagem do profissional e esta se resume a uma proximidade maior entre ambas, as partes. De acordo, com Segundo (2007, p. 74), "a reciprocidade da atuação professor e aluno, ou seja, a maneira como o professor lida com os alunos em sala de aula, determina, em grande parte, o comprometimento do aluno com a aprendizagem e com a figura do professor"

A criança tem sua autoestima mais elevada quando o docente investe em uma relação de afeto, pois por mais que o docente não tenha uma responsabilidade materna na vida da criança, o vínculo que é constituído deixa marcas em suas vida,

Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade. (FABRIM; NICOLAY, 2013, p. 25 apud COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

Nas palavras de Nunes e Silveira (2011), a motivação é essencial, porém não deve estar ligada a recompensas ou algo do tipo, é preciso motivar a criança para que ela tenha vontade de aprender, nisso deve auxiliar para que consiga ver em si própria razões pela busca do conhecimento. Sendo que a mesma consiga atribuir sentido para sua vida fora e dentro do ambiente escolar, " incorporando a atividade como algo que deseja realizar porque é importante para ele ou porque gosta" (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 192)

Ribeiro, Jutras, Louis (1995), afirmam que a relação de afetividade no contexto escolar tem seu lado positivo e negativo. Na visão positiva, os estudantes criam um

sentido de importância e aptidão em si próprios, transfiguram-se na tranquilidade e conduzem-se como sujeitos mais participantes das aulas. Em decorrência, a aprendizagem é atingida de maneira significativa. No contraditório, na falta de afetividade na relação educativa, a autoestima torna-se escassa e a vontade de aprender e de criar vínculos com os pares volta-se como um empecilho. Possivelmente, ocasionando risco de insucesso na aprendizagem.

Ribeiro (2010) compactua do mesmo pensamento, nas suas palavras,

[...] a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. [...] (RIBEIRO, 2010, p. 406).

Karpinski e Bampi (2018, p. 146), alegam que “na escola, a aprendizagem significativa acontece quando o educador sensível que também se educa, tanto na dimensão profissional quanto na pessoal, encontra com o educando que está mobilizado a aprender”. Vislumbrando as práticas pedagógicas educacionais, a imagem do docente afetivo vem

Com objetivo de inserir a dimensão afetiva na prática educativa, busca estimular seus alunos pelo seu próprio prazer de ensinar, provoca encontros e trocas afetivas, suscita o envolvimento dos alunos nos trabalhos de grupo e na participação coletiva das decisões. [...] podemos inferir que esses dois últimos procedimentos permitem a construção da cidadania nos alunos. A ideia de construção e de respeito àquilo que foi acordado conjuntamente conduz à busca de um modo de vida comum e do bem comum. (RIBEIRO; JUTRAS; LOUIS, 1995, p. 38).

Nunes e Silveira (2011), postulam que embora o atual cenário educacional tenha avançado no entendimento de como ocorre o processo de ensino e de aprendizagem, ainda são omitidas as relações afetivas, voltando-se, muitas vezes, a atenção somente para a aprendizagem intelectual.

Mesmo com avanços na compreensão da situação de Ensino e aprendizagem em toda sua complexidade, ainda negligenciam-se os aspectos afetivos nela implicados. O foco recai sobre a aprendizagem intelectual, da aquisição de conteúdos, com ênfase ao aluno, em seu

comportamento, ao invés de se perceber também a importância da relação pedagógica. (p. 63).

As mesmas autoras defendem que a afetividade no contexto escolar ainda, possivelmente estaria enraizada somente na perspectiva do alcance da aprendizagem. E que assim, acredita-se que boa parte dos motivos do fracasso na aprendizagem estaria relacionado somente aos problemas das crianças em espaços externos da escola, como de origem familiar, emocional e entre outros. Como se a escola não compactuasse dessas dificuldades.

Porém, nos alertam frente a isso, que a causa não se daria somente nestes âmbitos e que as estratégias pedagógicas também, podem ser as interferentes sobre a capacidade de aprendizagem da criança,

afetividade, na escola, torna-se elemento de preocupação apenas quando algo não é alcançado, ou seja, quando a aprendizagem não ocorre. Desta forma, a uma crença de que o motivo (não êxito no aprender) estaria vinculado necessariamente a problemas de ordem familiar, “ problemas emocionais” do aluno ou algo similar. É fato que não podemos desconsiderar os condicionantes familiares que intervêm no aprender. Entretanto, devemos cuidar para não associar toda dificuldade de compreensão dos conhecimentos por parte dos alunos, apenas com questões de ordem psicossocial. Outro cuidado deve estar relacionado a ideia de que a mudança na aprendizagem depende apenas da vontade(ou de um ato de coragem) do aluno, sem considerar que a situação pedagógica implica uma relação, e que o não-saber traz também uma realidade, uma sobre determinação, que remete a esfera inconsciente. (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 63-64).

Em contrapartida, é preciso compreender que o ensino e a aprendizagem são vertentes que nos levam a indagar que existem as mais variadas formas de aprendizagem, “sendo que cada aluno aprende de uma maneira diferente, num determinado tempo. Alguns aprendem rapidamente, no entanto outros não tem tanta facilidade” (MUSSATO; VIERO, 2018, p. 194). Os referidos autores, afirmam que essas questões podem estar associadas ao gerir das emoções, essas além de sua prática devem ser confrontadas, a fim de que consiga entender o estudante em suas necessidades.

No entanto, nos indagam que o professor deve atentar-se para quando a criança tem suas emoções estremecidas, seja por dificuldades no contexto familiar ou nas relações em sociedade, pois isso pode ocasionar problemas no aprendizado.

Esse empecilho deve ser observado com competência e, assim, oferecer ao estudante auxílio em especial no emocional.

Do ponto de vista de Ribeiro, Jutras, Louis (1995), sobre afetividade no ensino e na aprendizagem, postulam que quando o docente atribui o afeto de maneira positiva em sala de aula, torna o espaço mais propício à constituição de relações afetivas mais afáveis entre os pares, contribuindo para um espaço firmado em respeito e compreensão mútua. Além de que o vínculo afetivo no contexto escolar, estabelece melhorias na cognição, em face disso, diminui a desistência dos estudantes nos estudos.

Por isso, pode-se afirmar que as estratégias docentes devem estar centralizadas no educando, buscando com isso sua evolução na aprendizagem, pois " [...] ao planejar estratégias diferenciadas para o desenvolvimento do conteúdo, visando motivar e despertar o interesse do aluno, o professor incentiva a postura positiva do aluno em aula, favorecendo a relação do aluno com o conhecimento" (SEGUNDO, 2007, p. 63) nesse mesmo viés,

O docente deve buscar recursos que vão ao encontro das motivações, do desejo dos estudantes, que compreenda a cultura e os modos próprios de aprender de cada sujeito, sem acelerações e distanciamento daquilo que motiva o sujeito ao processo de aprendizagem. Eis uma das tarefas mais desafiadoras do processo educativo: motivar os sujeitos a aprender, a buscar o conhecimento, o que está implicitamente ligado à afetividade. (SILVA; LOSS; SOUZA; PAGLIARIN, 2018, p. 157-158).

Segundo (2007), confirma que o papel da docência está em saber como despertar o encantamento na aprendizagem, suscitando que exige compreender como afetar a criança, sensibilizando assim de maneira positiva também, a sua cognição. Em conformidade com essa ótica, "criamos, então, metodologias para que possamos auxiliá-los a aprenderem e a compreenderem os conteúdos. Porém, esquecemos que o tempo do aluno é diferente do nosso tempo" (RIBEIRO; RIBEIRO, 2018, p. 178).

Nisso, o papel docente no ato de planejar requer uma intencionalidade, com isso sua prática deve estar voltada considerando particularmente as necessidades de cada etapa das crianças. Afinal, de acordo com os referidos autores [...] em uma turma existem diferentes alunos, de diferentes contextos, e, que por isso, aprendem de

maneiras diferentes.”(RIBEIRO; RIBEIRO, 2018, p. 178). Sendo assim, é preciso compreender o tempo e as maneiras que as crianças aprendem, de modo que se consiga abarcar as divergentes singularidades.

Para Nunes e Silveira (2011), no momento em que o docente apresentar um conteúdo novo para as crianças, deve considerar o processo de aprendizagem que já vem empregando-se com as mesmas. Partindo de onde nota-se a evolução, pois a aprendizagem das crianças é constante e nas relações propiciadas diariamente é que concentra-se o ponto de partida do conhecimento que deve-se avançar.

Leite (2012), contribui versando que

[...]quando o professor decide iniciar seu programa de ensino muito além do conhecimento atual do aluno, cria uma situação em que aumentam as chances do insucesso ocorrer logo no início do processo de ensino-aprendizagem; deterioram-se, assim, prematuramente, as possibilidades de se estabelecer uma relação afetivamente positiva entre o aluno e os conteúdos (p. 363).

Leite (2012) ainda sugere que para o docente iniciar um novo ensinamento para a criança deve partir, prontamente, de uma análise dos conhecimentos da criança. Isso visa refletir sobre o desenvolvimento e interesses da criança, para que o docente tenha um ponto de partida, afinal, “ a profissionalidade não é um ato mecânico e meramente técnico, mas reflete o nível de consciência no modo como articulamos os saberes que emergem do conhecimento teórico e prático” (LOSS; SILVA, 2018, p. 54) Assim, o sucesso da criança na aprendizagem é mais certo, favorecendo até o próprio relacionamento afetivo de maneira positiva com o que lhes é proposto

[...]é inegável a implicação da dimensão afetiva em cada atividade planejada e desenvolvida. Atividades bem escolhidas e adequadamente desenvolvidas, sem dúvida, aumentam as chances do aprendizado com sucesso por parte do aluno e a conseqüente relação afetiva de aproximação entre o aluno e os conteúdos envolvidos. (LEITE, 2012, p. 364).

Afinal, nas palavras do mesmo autor, a afetividade participa do contexto escolar, em todos os sentidos referentes às propostas de ensino e nos vínculos entre os pares, essas são geridas de maneira positiva ou negativa dependendo da experiência:

[...]nas atividades de ensino concentra-se, concretamente, grande parte da carga afetiva da sala de aula, através das relações interpessoais entre professores e alunos: olhares, posturas, conteúdos verbais, contatos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções, correções, etc. constituem aspectos da trama de relações interpessoais que implicam em um enorme poder de impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas interações são vivenciadas. [...] (LEITE, 2012, p. 364).

Ademais, requer por parte do docente conhecimento sobre o que vai explicitar, para que possa explorar o momento de aprendizagem, pois o ato de ensinar exige ter conhecimento e saber como provocar o encantamento ao objeto de estudo. É preciso mostrar gosto pelo que se quer ensinar,

Não podemos ignorar que para motivar e contagiar o aluno pelo objeto do conhecimento, o professor precisa ser referência, demonstrando que conhecer tal objeto pode ser bom e prazeroso, ou seja, demonstrando o significado e o sentido que tal objeto tem para ele. (SEGUNDO, 2007, p. 69).

Nesse mesmo pensamento Leite (2012), pontua que a relação que se forma entre o estudante e um estipulado conteúdo, pode ser de proximidade ou distanciamento, gosto ou desgosto. Nesse sentido, grande parte depende das maneiras e estratégias das práticas pedagógicas as quais, detém-se o docente, o que vem a indicar que a condução e as estratégias docentes em suas práticas são nitidamente afetivas. Nas palavras do referido autor,

[...]o tipo de relação afetiva que vai se estabelecer entre o aluno e um determinado conteúdo escolar – relação que pode variar entre fortes movimentos de aproximação ou de afastamento, ou seja, relações de amor ou de ódio, nos seus extremos – vai depender, em grande medida, da concretude das práticas de mediação pedagógica planejadas e desenvolvidas em sala de aula, pelos agentes mediadores, o que nos leva a ratificar que as práticas de mediação pedagógica também são marcadamente afetivas.(LEITE, 2012, p. 362).

Segundo (2007) afirma, a partir dos seus estudos, que maneira a qual o docente direciona-se às crianças faz toda a diferença. Quando o estudante percebe que além do conhecimento o professor tem atitudes mais afáveis e que transpõe o interesse pela compreensão da criança e pelo o que está ensinando, torna-a mais motivada. Nesse viés, é

Através do olhar, oscilações da voz e veemência dos gestos, o professor transmite não só o conhecimento, mas o seu interesse e paixão pelo mesmo. Percebe-se que ao demonstrar prazer pelo que faz, ou seja, gostar do que ensina, o professor desperta o interesse do aluno motivando-o, contagiando-o. (SEGUNDO, 2007, p. 69).

Em contrapartida, a aparência rude do professor, faz com que a criança iniba-se no processo de aprendizagem, o que nos leva a pensar que “[...]o fato de o professor assumir uma postura grosseira perante o aluno, também pode aumentar a distância entre aluno e professor, assim como entre o aluno e o objeto a ser conhecido”.(SEGUNDO, 2007, p. 83). Algumas das experiências negativas que as crianças têm referem-se à postura do docente, “com efeito, eles reprimem os alunos quando os impedem de se exprimir, de se deslocar em sala de aula, quando praticam a discriminação ou quando fazem prognósticos de fracasso escolar” (RIBEIRO; JUTRAS; LOUIS, 1995, p. 47). Nas palavras de Segundo,

No momento que o professor mostra-se intolerante e grosseiro, o aluno sente-se ameaçado e pouco à vontade para aprender, uma vez que nessa perspectiva, o erro parece não ser permitido. Assim, o medo e a vergonha podem bloquear a aprendizagem, à medida que nesses momentos, a temperatura emocional sobrepõe-se sobre a cognitiva. (SEGUNDO, 2007, p. 84).

Nessa direção, Silva (2017), confronta que as capacitações das estratégias e a teoria não são auto suficientes para interferências docentes. No tocante, o que vem a influenciar nesses momentos, são as gesticulações, expressões faciais e como o docente age em sala de aula com as crianças. Gerando assim, reações que podem definir como serão constituídos os laços afetivos e também, a maneira que as crianças passaram a se comunicar com as propostas.

Acredita-se que o estudante precisa fazer parte do momento de aprendizagem, necessita ser um participante ativo e interagir com autonomia. Pois, um docente deve conduzir a aula, mas não deve esquecer o principal protagonista da aprendizagem. No momento que o estudante não sente-se parte desse processo a aula por mais que seja bem pensada não traduz significado para a criança.

Segundo (2007) alerta que

ao inibir a participação ou produção/autoria do aluno, o professor conduz a aula como se essa fosse dele e para ele, provocando no aluno um sentimento de não pertença, ou seja, o aluno não se percebe fazendo parte da aula e desta forma, não interage. O professor deve ser mediador do conhecimento, ele o representa, mas não é, nesse sentido, deve sair do lugar do conhecimento para que este possa circular entre todos. (SEGUNDO, 2007, p. 79).

Portanto, frente a esse panorama, é preciso entender que a aprendizagem significativa ocorre quando a criança participa desse processo, ao compreender que a aprendizagem traz sentido e faz sentido para si emprega outras relações positivas com o que é ensinado e com que ensina. Na concepção dos estudos de Rogers, sobre o papel docente “ele não se coloca como um mero transmissor de conteúdos, mas sim, com atenção e interesse, instrui e guia o aluno a buscar conhecimentos a partir dele mesmo, criando assim uma autonomia” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2018, p. 180-181).

Por fim, na sequência temos os encaminhamentos das considerações finais frente a essa pesquisa, na qual destacam-se as conclusões e posicionamentos, enaltecendo respostas aos objetivos almejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa bibliográfica, percebeu-se que a afetividade ainda é pouco abordada no contexto escolar, bem como falta conhecimento e formações docentes específicas que contemplem essa premissa, de modo a compreenderem que é um fator indissociável da aprendizagem. Os autores nos expuseram que embora se tenha avançado, geralmente a preocupação dos docentes e da escola recai na produção em sobrecarregar os cadernos de escrita, ou seja os aspectos cognitivos, são levados em conta, despreocupando-se com o essencial que é a criança estar bem afetivamente com suas emoções para aprender.

Assim, alguns autores nos evidenciaram que as práticas pedagógicas tradicionais ainda permanecem enraizadas em alguns docentes. Mesmo, apesar das práticas docentes terem avançado por um número cada vez mais significativo de professores, ainda são postuladas, maneiras que não privilegiam a aprendizagem junto das relações afetivas e que estas não auxiliam para a constituição da criança enquanto sujeito social, na formação humana e educativa. Porém, mesmo assim nos elucidam, que há uma mudança significativa em muitos desses profissionais. Em que o professor tornou-se muito além de um profissional que se detém em ensinar conteúdos, induzindo as crianças para outros saberes que implicam, não somente na cognição, mas na dimensão afetiva.

Diante do exposto, observou-se também que as pesquisas acadêmicas que tratam da relação da afetividade e aprendizagem, evidenciam que essa premissa inicia-se no contexto familiar, tendo continuidade no espaço escolar. Como os autores nos mostram, a afetividade inicia desde o nascimento da criança, como maneira de se comunicar com o adulto perpassando nos diferentes estágios que a criança encontra-se e que estas etapas de desenvolvimento precisam ser respeitadas no momento de aprendizagem, pois são responsáveis pela cognição. Dessa forma, é preciso considerar que cada criança tem suas particularidades e necessidades divergentes, ou seja cada uma tem seu tempo de desenvolvimento. Ainda, é preciso reconhecer e respeitar a criança em sua tenra infância.

Os autores ressaltam a importância da valorização das formas de expressões da criança sem estereótipos dos adultos, condizentes com a idade da criança, suas manifestações e desejos. Assim, o docente e a família possuem diferentes papéis, mas que estes, estão centralizados em um mesmo propósito: o desenvolvimento da

criança. Sendo perceptível que para constituir uma formação humana e educativa, que contemple o acolhimento afetivo, o contexto familiar e escolar deve estar entrelaçado no entendimento e na compreensão das necessidades das crianças.

Pode-se compreender que os autores consideram que a afetividade interfere na aprendizagem de maneira positiva ou negativa, tendo em vista que o contexto escolar e familiar estão interligados, pois as relações afetivas e estados emocionais das crianças nesses espaços influenciam na aprendizagem. Nesse sentido, é importante que os docentes conheçam a realidade antes de julgar a dificuldade da criança, reconhecendo que nem sempre a causa da dificuldade na aprendizagem pode estar somente nas relações familiares. Dessa forma, suas práticas e condutas também podem estar inibindo esse processo, resultando na desmotivação da criança para aprender.

Nessa perspectiva, do ponto de vista negativo, as dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas às estratégias, condutas e posturas docentes, estas, podem ter relação com o não reconhecimento da criança no processo de ensino e de aprendizagem ou até mesmo, na postura rígida podendo amedrontar a criança inibindo ou afastando a mesma da aprendizagem e no modo como a criança modela a figura docente, causando impacto no próprio vínculo entre os pares. Na falta de afetividade na relação educativa, a autoestima torna-se escassa e a vontade de aprender e de criar vínculos com os pares, torna-se um empecilho. Possivelmente, ocasionando risco de insucesso na aprendizagem.

Nesse sentido, os autores pontuam que a motivação que a criança recebe no contexto escolar por parte docente, faz com que a criança sinta-se parte do processo de aprendizagem e que esta não deve estar associada em recompensas ou algo semelhante, mas sim, com que a criança entenda o significado da aprendizagem para a sua vida. Ainda, de maneira positiva, os autores apontam que quando o docente cria um vínculo afetivo com estudantes, motivando-os ao conhecimento e tendo atitudes afáveis, a criança dedica-se mais, aprendendo com mais facilidade. Sendo assim, a dimensão afetiva, nas relações entre o professor e a criança na prática educativa, favorece não somente um vínculo afetivo entre pares, mas a relação da criança com as disciplinas. Os autores pontuam demasiadamente que a afetividade participa do conteúdo, de maneira positiva ou negativa, dependendo de como as crianças associam-se ao mesmo.

Desse modo, a afetividade integra a prática docente dos professores, na maneira que constroem significado ao que estão ensinando e a quem estão ensinando, influenciando assim, no momento de aprendizagem. Pois, estas como foi visto, vão além de metodologias, precisam ser consideradas frente ao interesse das crianças, a escuta atenta e a sensibilidade no ato de ensinar, essa resume-se em ensinar com afeto.

Percebeu-se, também a importância do docente tornar o espaço escolar propício para o autocuidado da criança consigo e com o próximo e que este visa aproximar os pares no momento de aprendizagem, em que são constituídas melhores relações, afinal, como os estudiosos nos apontam a afetividade no contexto escolar se constitui através de sucessivas experiências entre os pares, que se “ao contrário do se pensava no passado, toda interação entre as pessoas, é uma relação de seres emotivos [...] Sendo impossível retirar as emoções do processo, se faz necessário compreendê-las[...]” (MUSSATO; VIERO, 2018, p. 193).

Outro fator evidenciado é que a afetividade está intrinsecamente ligada às formas de expressão dos sentimentos, emoções e do autoconhecimento. Ainda, os estudiosos mostram que a afetividade, as emoções e os sentimentos precisam andar sempre articulados, pois um complementa o outro. No contexto educacional, a não junção da interligação de ambas as partes prejudicam a formação do ser humano, que depende claramente dessas relações para tornar-se minimamente um ser social.

Portanto, notou-se, também, que o papel docente está no cuidado e reconhecimento frente às emoções e sentimentos das crianças, privilegiando assim o educar do gerir das emoções. Compreendendo-se que o docente que educa a criança na perspectiva do autoconhecimento e do autocuidado faz com que as crianças acolham e sintam-se acolhidas e seguras de si, tornando-as muito mais dispostas a aprender. Assim, é possível que o docente contribua para a formação de um sujeito mais autônomo e ético na tomada de decisões e nas relações conflituosas, mostrando que é importante entender a maneira que cuidamos de nós mesmos e do outro, no sentido de reconhecer como afetar o próximo de maneira positiva.

Por fim, do docente espera-se comprometimento e sensibilidade ao compartilhar da formação humana e educativa das crianças, afinal, o professor tanto quanto os pais, é o espelho para a criança. Na afetividade, conseguimos formar sujeitos melhores e mais sensíveis que reconhecem a si e ao outro, se moldam e se

compreendem fazendo parte do processo de ensino e de aprendizagem com autonomia.

REFERÊNCIAS:

ALFANDÉRY, Hélène Gratiot. **Henri Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. 134 p. (Coleção Educadores). Tradução e organização Patrícia Junqueira. CD-ROM.

BARBOSA, Eliane dos Santos. **Afetividade no processo de aprendizagem**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**. Fundação Universidade Federal Do Rio Grande. Revista didática sistêmica ISSN 1809-3108, Volume 4, julho a dez, 2006.

BONAVIGO, Aliana Endler; POLETTO, Míriam Eugênia Meneguello. A ética sobre o olhar de Levinás. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Editora CRV, Curitiba. 2018.

FABRIM, Elizete Lima Siqueira; NICOLAY, Deniz Alcione. **Afetividade na educação infantil: um caminho para as práticas pedagógicas interdisciplinares**. Coleção: Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica. Cerro Largo: UFFS, 2013. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/242>. Acesso em: 29 mai. 2022.

FREIRE, Isabel Pimenta; CAETANO, Ana Paula; SOBRAL, Catarina; MACHADO, Elsa Biscaia. Concepções e percepções acerca da paz e clima emocional- Pesquisa em contexto de ensino superior. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Editora CRV, Curitiba. 2018.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

KARPINSKI, LicinicCamila; BAMPI, Susiane Maria. Aprendizagem e afetividade em Vigotski. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora**

das dimensões emocional, relacional e ética. Editora CRV, Curitiba. 2018.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Vol. 20, no 2, 355 – Temas em Psicologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Sp, Brasil, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva biográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Curitiba: CRV, 2018.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, *et al.* **Henri Wallon: psicologia e educação**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, *et al.* **Psicologia da Educação: Revista do programa de Estudos Pós- Graduados em Psicologia da Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**.- n.1(dez. 1995) – São Paulo EDUC, 1995.

MUSSATO, Rangel; VIERO, Renata. As emoções no processo de Ensino-Aprendizagem. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Editora CRV, Curitiba. 2018.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da aprendizagem; processos teorias e contextos**. 3 ed- Brasília; Liber livro, 2011.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia** Jean Piaget. Tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva- 24.ed- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

REFATTI, Aline; MARTINS, Simone Casagrande; Henri Wallon: o desenvolvimento da criança a partir das emoções. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Editora CRV, Curitiba. 2018.

RIBEIRO, Júlia Schneider; RIBEIRO, Raquel de Farias; Rogers: a escuta sensível. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética**. Editora CRV, Curitiba. 2018.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Affectivity in the teaching relationship. Estudos de Psicologia. Campinas, 2010.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France; LOUIS, Roland. A análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. *In*: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, et al. **Psicologia da Educação**: Revista do programa de Estudos Pós- Graduação em Psicologia da Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.- n.1(dez. 1995) – São Paulo EDUC, 1995.

SEGUNDO, Thatiana. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem**: A atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem Mestrado em Educação: Psicologia da Educação PUC/São Paulo 2007.

SILVA, Ivone Maria Mendes; LOSS, Adriana Salete; SOUZA, Flávia Burzinski de; PAGLIARIN, Lidiane Limana Puiati. Afetividade em Jean Piaget. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica**: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética. Editora CRV, Curitiba. 2018.

SILVA, Ricardo Francelino. **As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem**: contribuições da teoria de Henri Wallon / Ricardo Francelino da Silva. Assis, 2017.

SOARES, Elisama de Farias; BERTOLASSI, Jonas Antonio. CARL ROGERS: A articulação da teoria humanista no campo educacional. *In*: LOSS, Adriana Salete; SILVA, Ivone Maria Mendes. **Docência e formação na perspectiva bibliográfica**: aportes para uma educação integradora das dimensões emocional, relacional e ética. Editora CRV, Curitiba. 2018.

WALLON, Henri, 1879-1962. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada: Tradução de Gentil Avelino Tilton. 2 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.